

# Portugal rural na literatura portuguesa contemporânea

Original Scientific Paper

**Ana Ille Horvat<sup>1</sup>**

**Margarita Marković<sup>2</sup>**

*Departamento de Estudos Românicos*

*Cátedra de Língua e Literatura Portuguesas*

*aihorvat@ffzg.unizg.hr*

*margarita.markovic21@gmail.com*

O tema do nosso trabalho é a apresentação da ruralidade portuguesa nos romances de autores destacados da novíssima literatura portuguesa do século XXI, José Luís Peixoto e Valter Hugo Mãe. Segundo as tendências dominantes da criação narrativa portuguesa do século XXI, os autores escolhidos usam a categoria do espaço rural como base fundamental na sua obra romancista. O espaço rural, enriquecido pelos elementos

---

<sup>1</sup> No ano 2005 terminou o Curso de Língua e Literatura Espanhola e Etnologia, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas em Zagreb. Em 2006 acabou o Curso Livre de Língua e Literatura Portuguesa, em Zagreb. Desde 2009 trabalha como leitora da língua portuguesa na Cátedra de Língua e Literatura Portuguesas, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Zagreb. Participou com comunicações nas conferências e colóquios internacionais em Lisboa, Zagreb e Sófia. <https://www.bib.irb.hr/profile/38524>

<sup>2</sup> Margarita Marković – Mestre em Língua e literatura Alemã e Portuguesa da Faculdade de Letras Universidade de Zagreb. Ensina Alemão de Negócios na Faculdade de Economia e Gestão da Universidade de Zagreb e na Universidade Internacional Libertas. Trabalha em Zagreb como tradutora livre de textos especializados e literários de expressão portuguesa e alemã (Luandino Vieira, Lukas Bärfuss, valter hugo mae, Ondjaki et al.). Associada de TransLab português-croata. <https://www.bib.irb.hr/1240917>

históricos, simbólicos e míticos transforma-se no verdadeiro protagonista.

Palavras-chaves: *ruralidade, espaço, romance, José Luís Peixoto, Valter Hugo Mãe.*

## 1. Introdução

Segundo António José Saraiva, uma das características inerentes ao povo português consiste no sentimento de “aldeanismo”, i.e., ele evidencia-se por uma inclinação para uma fortíssima cultura popular (Real 2017: 194).

O objetivo principal do nosso trabalho é investigar a portugalidade através da ruralidade portuguesa destacada nos romances de dois autores importantes da novíssima literatura portuguesa, José Luís Peixoto e Valter Hugo Mãe. Os romances que são foco do nosso interesse são *Galveias* de José Luís Peixoto, publicado em 2014, e *o nosso reino* de Valter Hugo Mãe, publicado em 2004.

A multiplicidade dos significados espaciais e valor extenso do espaço rural têm um papel imprescindível na criação romanesca nas obras dos autores escolhidos. Os aspetos históricos, culturais, simbólicos e tradicionais criam da ruralidade uma personagem tão valiosa como todas as outras.

Para perceber melhor o conceito do espaço rural é importantíssimo explicar o contexto mais vasto da literatura portuguesa do século XXI e o contexto histórico de criação da novíssima literatura portuguesa.

## 2. Romance português contemporâneo

O enquadramento temporal, quanto aos conceitos teóricos, fundamenta-se no ensaio do filósofo, ensaísta e crítico literário Miguel Real *Romance Português Contemporâneo (1950 - 2010)* publicado em

2012 e que nos servirá como um panorama da recente produção romanesca em Portugal.

É impossível olhar para a produção literária portuguesa recente sem que se tomem em consideração os acontecimentos políticos e sociais marcantes da história recente de Portugal. Com efeito, a dissolução de um regime autoritário político e social que definiu profundamente a vida da sociedade portuguesa num período de quase cinquenta anos (1926 - 1974) resultou numa vagarosa mas contínua desconstrução da herança política, cultural e social salazarista e das instituições provenientes deste período histórico, nomeadamente da Guerra Colonial, emigração ilegal, que afetou quase um milhão de portugueses, movimentos políticos, estudantis e feministas. Este fenómeno de desconstrução transposto para o plano literário reflete-se nas correntes esteticistas e desconstrutivistas, para, na época de fortalecimento da sociedade pós-25 de Abril e da integração de Portugal na Comunidade Europeia, se estabelecer um novo realismo literário universalista e cosmopolita, homólogo à atual sociedade portuguesa (Real 2017: 17-18).

De modo consequente, o romance português recente tem um público leitor profundamente transformado. Ao longo dos últimos sessenta anos tem-se afastado de um público intelectual e minoritário em benefício de um público que abrange todas as camadas sociais, i.e., um público mundano (Real 2017: 17-18). Em resumo, as mudanças no plano social, político e cultural, acompanhadas de um público mais cosmopolita, de uma acessibilidade mais ampla à literatura, de condições diferentes de escrita e publicação dessa literatura contribuíram para uma mudança significativa da face da literatura portuguesa contemporânea; o romance português recente viveu uma evolução relativamente aos conteúdos, temas privilegiados, ao estilo, à estrutura, bem como ao uso do léxico (Real 2017: 28).

Hoje, no século XXI, numa sociedade múltipla e globalizada, marcada pelas mudanças rápidas e ampla comunicação internacional seria infundamentado falar num romance português genuíno, visto que

a sociedade portuguesa depois da Revolução dos Cravos dissolveu o forte cunho nacionalista da literatura dos anos 40 e 50, subordinada às ideologias e noções pertencentes à época de ditadura militar salazarista.

Uma maior distância temporal da década de 1950 permite observar uma cada vez mais destacada minimização dos conteúdos literários de carácter nacionalista. E isto em proveito da dominância de uma literatura cosmopolita, sobretudo após a integração de Portugal na Comunidade Europeia, em 1986. O escritor de hoje abdica dos conteúdos que recuperam uma pertença forte aos valores imateriais da História portuguesa e valoriza os conteúdos universais que também se encontram fora da realidade cultural, política e social portuguesa. Esta tendência solidificou-se de modo incontestável na criação literária do século XXI.

Segundo Real, os novíssimos autores querem criar literatura a seu modo, “sem complexos da esquerda ou direita, sem partidarismo rural ou urbano” (Real 2017: 186). Deste facto nasce o pluralismo dos estilos, onde cada obra literária cria o seu próprio mundo principalmente baseado na história e “arte de narrar” que é a característica dominante desta geração de escritores (Real 2017: 184 - 195).

## **2.1. A importância da categoria espacial na literatura portuguesa do século XXI**

Apesar das tendências cosmopolitas da geração dos escritores do século XXI, apareceu nas obras de autores como José Luís Peixoto e Valter Hugo Mãe, a revalorização da categoria de espaço que tem no contexto da ruralidade grande influência na criação identitária do homem português moderno.

O processo de criação do espaço implica a transformação do espaço físico num espaço de significado, i.e., num espaço simbólico que

é portador de vários sentidos; para Foucault<sup>3</sup> (2013), o espaço não é esvaziado de sentido, mas sim uma categoria complexa, múltipla, viva e capaz de expressar vários sentimentos.

A dimensão espacial como um dos elementos do poder “corrosivo e erosivo” no campo literário, que condiciona e interage com outros elementos estruturais literários, é apontado por Carlos Reis:

Por sua vez, a integração narrativa da personagem solicita quase sempre a sua inserção em espaços com que elas interagem: porque a condicionam, porque por ela são transformados, porque completam a sua caracterização, como quer que seja, porque colaboram na sua configuração como entidade carregada das virtualidades dinâmicas que o envolvimento na acção concretiza. (Reis 1997: 352)

Segundo Borges Filho é importante fazer no texto analisado uma topografia literária. O texto pode ser dividido em áreas grandes, microespaço e macroespaço. No entanto, ao definir o ambiente espacial é considerável ter em mente a variedade de microespaços como o cenário, a natureza, o ambiente, a paisagem e o território.

...define-se ambiente como a soma de cenário ou natureza mais a impregnação de um clima psicológico. Esquemáticamente, teríamos:

1º) Cenário + clima psicológico = ambiente;

2º) Natureza + clima psicológico = ambiente (Borges Filho 2007: 50)

Por outra parte, a paisagem está definida na sua teoria espacial dependendo do olhar das personagens. “Os espaços básicos de um texto são natureza e cenário, mas as implicações subjetivas desses espaços transformam-nos em ambiente ou paisagem, algumas vezes”

---

<sup>3</sup> Michel Foucault, filósofo e teórico literário, na sua conferência *De espaços outros* insere o termo de heterotopia e destaca a importância da heterogeneidade da categoria do espaço.

(Borges Filho 2007: 52).

Nos romances escolhidos de José Luís Peixoto e Valter Hugo Mãe, a criação identitária do homem contemporâneo português depende do espaço rural e de todas as categorias sociais que a compõem. A revitalização da ruralidade é fundamental nas obras analisadas para que possamos compreender melhor o percurso do romance português contemporâneo.

### 3. A poética valteriana e o romance o nosso reino

Valter Hugo Mãe é um dos escritores mais conhecidos da geração literária de 2000. A sua obra ficcional está marcada pela procura intensa do sentido de vida, amor, sorte e bondade.

Na obra de Valter Hugo Mãe há palavras e expressões que nos indicam claramente as preferências e as preocupações do autor.

Se as organizarmos em grupos, temos as linhas essenciais desta literatura: “amor”, “amizade”, “alegria”, “sonho”, “tristeza”, “ódio”, “maldição”, “sexo”, “vida”, “morte”, “sofrimento”, “solidão”, “generosidade”, ou seja, escrita dos sentimentos e das emoções, escrita da vida e sobre a vida humana; “natureza”, “natureza das coisas”, “árvores”, “animais”, “sol”, “chuva”, “mar”, ou seja, escrita da natureza e sobre a natureza; e “poesia”, “poema”, “versos”, “livros”, “escrita”, ou seja, escrita da escrita e sobre a escrita. (Nogueira 2016: 11)

Desde os seus começos prosaicos, domina o seu interesse pela estranheza e singularidade que resulta em criar personagens marginais, pessoas pouco comuns que dedicam as suas vidas à procura de Deus no mundo e tratam de encontrar as soluções perfeitas no caminho da vida.

O romance analisado, *o nosso reino*, conta a história da infância do

menino Benjamim, um menino extraordinário e do seu cotidiano na pequena vila piscatória portuguesa, envolta na fantasia (Ille Horvat 2019: 110). O menino descreve-nos o ambiente do seu crescimento, conhecemos a sua interioridade e estado emocional, detalhes das suas angústias, crenças e medos. O seu ponto de vista infantil oferece-nos uma imagem singular da vida neste espaço rural e dos acontecimentos cotidianos. O papel principal no romance é dado a duas famílias, a do pequeno protagonista e outra, a do seu melhor amigo, o Manuel. É de destacar também as figuras que parecem viver num mundo liminar, balanceando entre a realidade local e um universo fantástico, como o Senhor Luís, o Senhor Hegarty, a Dona Darcy, o misterioso fantasma “do homem mais triste do mundo” ou o cão de cabeça em chamas.

O ambiente rural está designado pelas descrições do cotidiano da vila apontando os lugares mais frequentados: a igreja, o cemitério, o centro da vila, a escola. A devoção às tradições e à vida espiritual está incorporada no cenário em cada passo do conto. “...benzer-se-ia apenas na presença dos cristos. Nove, dois na sala, três no corredor, um na entrada, um no meu quarto, outro no quarto do avô e mais um no escritório” (Mãe 2004: 31).

Na análise literária o elemento espacial muitas vezes está relacionado com a atitude subjetiva, entrelaçada com emoções que o sujeito sente pelo espaço particular. Ozíris Borges Filho (2007:158) menciona o termo topopatia que aparece sob duas formas: a topofilia, que se relaciona com os sentimentos positivos e de bem-estar, a topofobia que designa o espaço negativo, aquele traz consigo as emoções de medo e desgosto.

Na vila natal de Benjamim o medo, a estranheza e o desconhecimento aparecem com as personagens vindas do território africano. As terras africanas são mencionadas no contexto da experiência de Carlos, irmão de Manuel, que tinha passado anos nas guerras coloniais. As cabeças infantis dos meninos concluíram que tudo o que era africano era medonho, terrível e relacionado com a morte, como se pode ver no exemplo seguinte quando Carlos está a descrever as condições

africanas: “em angola tudo podia acontecer, porque os lugares eram ermos, esquecidos de tudo e de todos e deus não devia saber sequer que eles existiam.” (Mãe, 2004: 42).

Os elementos topofóbicos surgem também das figuras dos tios emigrantes de Benjamim, chegados da França após a morte dos avós “pela herança”. Tudo neles parecia estranho, diferente, sem a mínima semelhança gente da terra: “...com tralhas francesas, pareciam homens de outras bandas, estranhos, garridos, com camisolas amarelas, vermelhas, calças com riscas bizarras...” (Mãe 2004: 106).

O crucial elemento topofílico no romance é logo destacado no título. Este elemento intertextual, *o nosso reino*, de proveniência bíblica, simboliza o ambiente criado à base de cenários comuns – lugares cotidianos da vila como a igreja, escola, casa ou cemitério. A vida de cada dia no *nosso reino* funciona em círculos repetidos: de ir à igreja, rezar, pescar e ir à escola. Ao mesmo tempo, o microespaço, descrito metonimicamente, representa Portugal, país isolado, na beira do continente europeu. Descreve um Portugal salazarista marcado pelo medo, com forte influência católica e uma dura vida laboral. O enredo decorre nos anos 70, anos de grandes mudanças políticas e sociais que, apesar do isolamento, dominam na criação do ambiente da aldeia.

Descrevendo este cotidiano piscatório, Valter Hugo Mãe põe em questão todos os valores tradicionais e patriarcais da sociedade portuguesa, sem os negar, respeitando assim uma parte importante da identidade nacional. A nossa intenção é analisar três elementos básicos da realidade rural que têm um papel imprescindível na construção de identidade portuguesa: a família, a religiosidade e a morte.

O conceito de família tradicional é colocado em questão pelo autor que trata de analisar os problemas da violência doméstica, manifestados pelos episódios agressivos do pai do menino, causados pela morte do avô de Benjamim e a submissão da mãe, mencionando também o

problema de alcoolismo.

não foi a primeira vez que o meu pai teve um acesso de fúria, eu sabia que isso poderia acontecer a qualquer momento. anos antes, muito pequeno ainda, algumas imagens fixaram-se à minha cabeça, o meu choro e a minha mãe prostrada no chão em desespero. (Mãe 2004: 71)

O segundo elemento que marca a ruralidade, fortemente enraizado na sociedade aldeã é a religiosidade. O autor descreve como, apesar da devoção profunda do povo, as superstições têm um papel imprescindível nos hábitos cotidianos – como na situação em que a Dona Tina, a curandeira, chega a casa da sua comadre explicando como e porquê deve cozer as pedras: “são pedras perigosas, comadre tina...” (Mãe 2004: 103). Outro exemplo que descreve o povo local ao mesmo tempo profundamente religioso, mas supersticioso surge quando a mãe leva o protagonista Benjamim a casa de Dona Tina tendo esperança de poder “repor as energias e apagar tudo o que corra mal” (Mãe 2004: 116).

Concomitantemente com a influência religiosa na vida da vila nota-se a presença da superstição, que se destaca como um dos eixos construtivos do romance. Desta forma, o conceito de realismo mágico está presente na obra, destacando em primeiro plano as personagens extraordinárias como o protagonista Benjamim ou “um gigante branco ao pé da vila”, como o menino descreve o albino, o senhor Hegarty.

O realismo mágico destaca as personagens com poderes mágicos ou sobrenaturais que criam uma narrativa cheia de riqueza ancestral e mítica. Desta forma, a natureza e o cenário criam um ambiente rural, ideal em promover um mundo mágico, diluindo as fronteiras entre a realidade e a irrealidade.

Com o realismo mágico chegamos assim ao terceiro elemento estruturante destacado no romance - a morte. A morte está

constantemente presente no dia a dia da vila.

O protagonista oscila entre a vida e a morte, depois de saltar do “rochedo da louca suicida” (Mãe 2004: 24). Os pensamentos cotidianos do menino Benjamim, desde os seus anos precoces, imergem no mundo dos mortos, pensando sobre a grandeza da morte e aceitando-a como parte inseparável da vida humana: “durante a tarde expliquei aos meus irmãos as mortes todas” (Mãe 2004: 35).

“O homem mais triste do mundo”, como chamava o menino protagonista ao coveiro local, é uma figura importante, constantemente presente na vida da vila. Como explica o protagonista a partir do seu ponto de vista infantil: “eu descobri muito cedo, o homem mais triste do mundo recolhia os mortos, juntava-os um a um nos braços, e dava-lhes terra e silêncio para comerem...” (Mãe 2004: 10). “O homem mais triste do mundo” é a personagem que vacila entre a vida e morte, como um fantasma que destaca o limite frágil da realidade e da fantasia, criando assim um mundo singular ao qual pertencem os aldeões desta vila mágica.

Todos os elementos analisados da vida aldeã cabem no espaço centrípeto, como explica Maria João Simões. O espaço centrípeto é o *nosso reino* onde o menino e os seus próximos vivem o seu cotidiano familiar. Porém, como a oposição à esta moldura conhecida aparece o sentido centrífugo, como por exemplo a fuga dos tios emigrantes do pequeno protagonista (Simões 2018: 103-109).

#### **4. A poética peixotiana e o romance Galveias**

A voz literária de José Luís Peixoto, intensamente lírica e metafórica na narração, é profundamente marcada pelas experiências íntimas, as relações familiares e pessoais. Este fio autobiográfico e intimista integra-se num dos temas mais recorrentes e salientes da sua obra - o interior rural português. Uma parte indissolúvel da própria

identidade, a terra natal, é apontada como um dos “fatores da influência decisiva” (Suelotto 2012: 20) também pelo próprio autor: “Portugal para mim em muitos aspetos é sempre o objeto daquilo que eu escrevo (...) porque escrevo sempre a partir de Portugal. Ele é sempre a minha perspectiva.” (Peixoto, 2013).

Tendo em conta as tendências gerais da literatura portuguesa contemporânea (ambos os nossos autores nasceram à volta de 1974), como o cosmopolitismo, o internacionalismo, a modernidade e a transversalidade de registros e temas literários (Real 2010: 63-66, 184-195), cabe salientar a preocupação com um “outro” Portugal - aquele que é rural, esquecido, abandonado ou até arcaico.

O romance *Galveias* (2014) retrata a vida de uma pequena comunidade campestre no Alentejo, entre Janeiro e Setembro de 1984. Num dia de Janeiro de 1984, um meteorito, “a coisa sem nome”, cai do céu e perturba a noite serena de inverno no interior alentejano. É a partir desse acontecimento fantástico que se pinta um retrato das muitas personagens com as suas histórias típicas do espaço e do tempo retratado: Catarino, obcecado com a sua mota Famélia, que, perturbado pelas lembranças do pai emigrado em França, mora com a sua namorada Madalena e a avó Amélia; o seu amigo João Paulo que sobreviveu a um acidente por um triz; a pobre família Cabeça com muita “cachopada” e a mãe Rosa que sofre violência doméstica do seu marido; o padre Daniel, um alcoólico; a brasileira Isabella, uma prostituta que trabalha na boíte de Galveias; o velho Justino, que há cinquenta anos se zanga com o irmão e depois da morte da sua mulher Maria do Carmo decide matá-lo; o militar Joaquim Janeiro cuja família permanece na Guiné Bissau; o Doutor Matta Figueira, filho de um latifundiário; o Miau, um rapaz com deficiências físicas e mentais que não consegue controlar os impulsos sexuais; a jovem professora Maria Teresa, que veio para Galveias por causa do trabalho, e muitos outros. O enredo de Galveias corresponde a um conjunto de histórias das várias personagens. As vivências diversas desse pequeno universo rural, à primeira vista separadas, entrelaçam-se e formam um mosaico

narrativo que pretende retratar uma comunidade campesina que corre o risco de desaparecer em colisão com a modernidade. Portanto, o valor simbólico e identitário que o *locus* assume atesta-se, quase programaticamente, nas reflexões de uma velha prostituta galveense, intensamente poéticas e metafóricas, num estilo típico peixotiano:

Todos temos um lugar onde a vida se acerta. Cada mundo tem um centro. O meu lugar não é melhor do que o teu, não é mais importante. Os nossos lugares não podem ser comparados porque são demasiado íntimos. Onde existem, só nós podemos ver. Há muitas camadas de invisível sobre as formas que todos se distinguem. Não vale a pena explicarmos o nosso lugar, ninguém vai entendê-lo. As palavras não aguentam o peso dessa verdade, terra fértil que vem do passado mais remoto, nascente que se estende até ao futuro sem morte.

Dona Fátima falava assim nos últimos dias da sua vida.  
(Peixoto 2014: 202)

A experiência do espaço assume uma posição axial e demonstra ambivalência e complexidade: Galveias representa, simultaneamente, um espaço povoado por sentimentos de ternura e afeto, mas também pelo isolamento, velhice, pobreza e morte. Nesta ambivalência cabe salientar duas vertentes possíveis de leitura em relação ao poder e valor conferido à vila, a Galveias (ou qualquer outro lugar com o mesmo destino) - que são vertentes centrífugas e centrípetas. A importância da relação que o indivíduo tem com o espaço geográfico, como destaca Simões (2018: 102-115), baseia-se nas emoções proporcionadas pela experiência, memórias e sentimentos. Nestas vertentes podemos, em princípio, considerar que a multilateralidade dos significados, que a experiência do espaço rural produz, provém precisamente das confluências destes dois poderes opostos.

A vertente centrípeta possibilita-nos uma leitura topopática, i.e., uma relação emocional, “sentimental, experiencial, vivencial existente

entre as personagens e espaço” (Borges Filho 2007: 157). Assim, as personagens sentem-se puxadas para o centro da trajetória:

Galveias sente os seus. Oferece-lhes mundo, ruas para estenderem idades. Um dia, acolhe-os no seu interior. São como meninos que regressam ao ventre da mãe. Galveias protege os seus para sempre. (Peixoto 2014: 215)

Esta visão de Galveias é compartilhada pelas várias personagens, segundo uma ótica própria (ex. o militar Joaquim Janeiro, a Dona Fátima). Galveias, assim personificada, ao atingir um estatuto protagonista, torna-se numa arte de um espaço de abrigo, uma metáfora para o ventre da mãe. A vila simboliza um “porto seguro” e manifesta-se como um lugar de retorno, até como um lugar fecundo, protetor, atribuindo-lhe desse modo um valor extremamente afetivo e subjetivo, apesar de ser, às vezes, ironicamente exagerado. Ficamos com uma impressão de que se trata de um “mundo por si só” na experiência emotiva das personagens:

Não há nenhuma praça em Belo Horizonte com o tamanho do terreiro de Galveias. Que digo eu? Não há nenhuma praça em Minas, não há nenhuma praça no Brasil inteiro com o tamanho do terreiro de Galveias. É grande menina, é muito grande. (ibid.: 203)

As relações topopáticas “centrípetas” manifestam-se similarmente na relação estabelecida com a terra e a paisagem alentejana, quase ontológica, entre o humano e o natural. Assim, a terra, i.e., a paisagem, torna-se uma parte indissolúvel da identidade das personagens ou da caracterização delas, com quem tem vindo a formar-se uma relação que se pode considerar como sendo até simbiótica (Castro 2021: 122), o que nos ajuda a entender também a mundividência, o *ethos* alentejano, a passagem do tempo, o ritmo da vida:

Quanta ignorância era precisa para trocar terra por bocados de papel? (...) A terra faz nascer do seu interior. Depois,

acautela essa vida, alimenta-a, oferece-lhe horizonte e caminho. (...) A terra é tudo o que existiu, desfeito e misturado. (Peixoto 2014: 58)

Todavia, possuindo o caráter ambíguo do espaço, é possível olhá-lo de modo tofóbico centrífugo. Nessa perspectiva, o *locus* privilegiado toma características de um lugar de fuga e partida, puxando as personagens para fora de si. Ali observamos uma relação direta entre o poder centrífugo de *locus* e a as constelações sócio-históricas, como a ditadura salazarista, a emigração para as cidades maiores ou para o estrangeiro causada pela pobreza, pelo envelhecimento, por uma gritante ausência de oportunidades - é um Alentejo “desfigurado pelo esquecimento e despovoação” (Cardoso 2014: 11). Como apontou José Mattoso, “toda a gente sabe que uma das características mais salientes do Alentejo é o seu isolamento.” (Mattoso 1998: 15 *apud* Suelotto 2007: 91) Esta característica da localização isolada alentejana nota-se melhor por meios toponímicos como *além - longe de*. No contexto do espaço literário, este princípio toponímico, já na forma do nome de Alentejo, que significa „além do rio Tejo“, sugere uma noção de solidão e afastamento do resto do país.

Assim, este lugar como portador de um sentimento „isolador“ constitui um dos traços mais marcantes do estilo peixotiano - amiúde grave, sombrio e sórdido – nomeadamente com os motivos de tragicidade e crueldade, morte, violência doméstica, alcoolismo, machismo patriarcal, analfabetismo, prostituição, aborto, suicídio, revelado nas palavras do autor:

(...) conhecia outros livros sobre o Alentejo e sabia que não retratavam o Alentejo castigado, deprimido, envelhecido, esquecido. Um Alentejo que, infelizmente, é uma região de suicídios e que é a região de uma vivência interior (...) o Alentejo que cisma. (Peixoto 2013)

## 4. Conclusão

Retratando os mundos geográficos, humanos e sociais do interior rural português, profundamente complexos e portadores de sentidos opostos, os autores criam uma homenagem íntima e universalista, mesquinha e meiga de um Portugal já esquecido e suspenso no tempo.

Contudo, isto não significa que as obras analisadas representem um exercício literário meramente nostálgico de uma visão quase arcaico-bucólica ruralista ou, ainda muito menos, um modelo retrógrado em defesa do tradicionalismo, uma vez que todas as (con)tradições desses mundos rurais se revelam ao leitor (Rego 2016: 175), sem tentações de as romantizar. Lembrando que a literatura também se entende na sua vertente sócio-pragmática, interpretamos estes dois romances como testemunhos de que escrever sobre a ruralidade nem sempre é um modelo anacrónico, mas sim um modelo para pensar estes espaços novamente, de refletir sobre eles na comparação com um Portugal cada vez mais urbano e cosmopolita. Ao dar à ruralidade portuguesa uma visibilidade dentro dos tópicos que preocupam os autores contemporâneos, procura-se afirmar este elemento da portugalidade e incentivar a consciência sobre a existência desses espaços perante o perigo do seu desaparecimento, tanto literal como simbólico.



## Bibliografia

Castro, Fátima (2021). A paisagem alentejana na escrita de José Luís Peixoto. Geografia das “sensescares” no romance Galveias (2014), em: *Alentejo(s). Imagens do ambiente natural e humano na literatura e*

*ficção*. Lisboa: Edições Colibri, pp.

Filho, Ozíris Borges (2007). *Espaço e literatura. Introdução à toponálise*. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora.

Ille Horvat, Ana (2022). O princípio de alteridade na procura do sentido da vida, em: *Studia Romanica et Anglica Zagrabiensia*, br. 66, pp. 109-114

Mãe, Valter Hugo (2009). *o nosso reino*. Lisboa: Quidnovi.

Nogueira, Carlos (2016). *Nenhuma palavra é exata*, Porto: Porto Editora.

Peixoto, José Luís (2014). *Galveia*, Lisboa: Quetzal Editores.

Real, Miguel (2012). *Romance português contemporâneo 1950-2010*, Lisboa: Caminho.

Real, Miguel (2017). *Traços fundamentais da cultura portuguesa*, Lisboa: Planeta.

Rego, Vânia (2016). Tradições e contradições: o retrato de Portugal na prosa de José Luís Peixoto, *Montalegre: Atas do 25º Colóquio da Lusofonia*, pp.

## Fontes web:

Peixoto, José Luís (2010). *Das Galveias para o mundo. Entrevista com Isabel Coutinho em Público* (29. de Setembro 2010), disponível em: <https://www.publico.pt/2010/09/29/culturaipsilon/noticia/das-galveias-para-o-mundo-266241>

*Portugal de...*(2013). Dirigido por Luís Osório. *Portugal: Até ao Fim do Mundo*, disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p29846/el>

Nunes, Maria Leonor (2010). *As grandes minúsculas de valter hugo mãe*. „Jornal de Letras, Artes e Ideias“, disponível em: <https://visao.sapo.pt/jornaldeletras/jornalletrasforum/origami/2010-01-24-as-grandes-minusculas-de-valter-hugo-maef545016/>

Polo García, Victorino (1975). *Entre la Fantasia y el Telurismo – asedio cordial a la obra de Juan Rulfo*, disponível em: <https://digitum.um.es/digitum/bitstream/10201/21876/1/02%20Entre%20la%20fantasia%20y%20el%20Telurismo.pdf>

Simões, Maria João (2018). Contrato espacial: Cenário e imaginação na ficção de Lídia Jorge, em: *O espaço literário na obra de Lídia Jorge*, Rio de Janeiro: Bonecker. disponível em: [https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/87743/1/2018-Espaco Ambiente-Lidia Jorge in O espaco literario.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/87743/1/2018-Espaco-Ambiente-Lidia-Jorge-in-O-espaco-literario.pdf)



## Ruralni Portugal u suvremenoj portugalskoj književnosti

U odabranim se romanima *Galveias* i *o nosso reino*, suvremenih portugalskih književnika Joséa Luísa Peixota i Valtera Huga Mãea, ističe ruralni aspekt Portugala. Izlazeći izvan okvira same svoje definicije kao prostorne kategorije ruralnost postaje gotovo ravnopravanknjiževnilik. Cilj nam je bio u ovome radu prikazati ulogu ruralnosti u spomenutim romanima i istaknuti njezinu svrhovitost u suvremenim životnim okolnostima. Motive smrti, izoliranosti i siromaštva izdvojili smo kao ključne u opisu svakodnevnih običaja i načina života ruralnih krajeva Portugala. Raščlanjivanje spomenutih elemenata, kao i analiza svakodnevnih običaja u okviru pojmova topofilije i topofobije dokazuju i dalje prisutnu snagu tradicije unutar suvremenih strujanja života što nas lišava straha od njezina nestanka kako u stvarnosti, tako i u književnim ostvarenjima.

Ključne riječi: tradicija, suvremeni život, ruralnost, Portugal, običaji.

## The rural Portugal in contemporary portuguese literature

In selected novels, *Galveias* and *o nosso reino* from the contemporary portuguese writers José Luís Peixoto and Valter Hugo Mãe the emphasis is on the importance of the rurality of Portugal. Going beyond the definition of rurality as spacial category the rurality almost transforms itself into an equal literary character. Our objective in this article is to show its role in these novels and to revalue its presence in contemporary circumstances. „Death“, „isolation“ and „poverty“ are the key-motives in rural circumstances. The analysis of these elements as well as the analysis of everyday rituals with regard to the concepts of topophilia and topophobia have proved the strength of tradition in our contemporary lives wich reduces our fear of it disappearing in real life as well as in literature.

Key-words: tradition, rurality, Portugal, rituals, contemporary life.